

12. Os dois polos coincidentes da Última Ceia

Jesus, na Última Ceia, preocupou-se em fazer com que os discípulos entendessem que a transmissão de sua pessoa ao mundo é realizada na comunhão, no mistério da comunhão dos discípulos que encarna e reflete no mundo a Comunhão Trinitária. Se há comunhão eclesial, há transmissão de Cristo e, se há transmissão de Cristo, há verdadeira comunhão na Igreja e na humanidade, isto é, há comunhão divina também entre os homens. A comunhão fraterna transmite ao mundo a comunhão divina, a Comunhão trinitária. A comunhão fraterna permite que Jesus Cristo entregue o seu Corpo ao mundo, através da Igreja, Povo de Deus que a comunhão mantém unida como o único Corpo de Cristo.

Este mistério é tão grande quanto simples. Achamos difícil acolhê-lo, porque é absolutamente simples, e nós não somos simples, não temos um coração simples para acolher o Mistério como ele é e como foi manifestado e transmitido em Cristo. Mas o Espírito, se o desejamos, se o pedimos, gradualmente transforma nosso coração para que ele abra os olhos ao Mistério, como alguém que sai de uma caverna deve pouco a pouco se acostumar com a luz para ver toda a beleza e cores da realidade.

No Evangelho segundo São João, todo o último encontro de Jesus com os discípulos no Cenáculo, a Última Ceia pascal reportada do capítulo 13 ao 17, se desenrola entre o lava-pés e a oração sacerdotal de Jesus. Com o lava-pés, Jesus faz um gesto que resume o significado de sua iminente paixão e morte, o sentido que sua paixão e morte devem ter para os discípulos, para a vida da Igreja. Então Jesus oferece aos seus discípulos um resumo de seus ensinamentos, nos capítulos 14 a 16. No capítulo 17, Jesus não fala mais diretamente aos discípulos, mas "levantando os olhos para o céu" (17,1), começa uma longa oração ao Pai, a mais longa e detalhada oração de Jesus ao Pai que os Evangelhos relatam. Jesus quis que, no auge de seu ensinamento, os discípulos escutassem de seus lábios, ou melhor, do seu coração, o que quer do Pai e junto ao Pai, no momento de entregar-lhe toda a sua vida até a morte pela Salvação do mundo.

Não podemos ouvir de Jesus algo mais importante e sublime do que o que ele diz ao seu Pai. O que o Filho e o Pai dizem entre si é o cume da Revelação, porque não pode haver verdade mais verdadeira e sublime do que a Palavra que as Pessoas da Trindade trocam entre si. É como ouvir a voz que ressoa no coração do Ser, no coração da Realidade das realidades, fonte e mar de tudo o que existe pela criação. Devemos sempre fazer um profundo silêncio quando ouvimos e meditamos sobre estas palavras do Eterno no tempo, em que o Eterno fala consigo mesmo no tempo, falando a Si para deixar-nos escutá-Lo no tempo, pelos nossos ouvidos e pelos nossos corações humanos, temporais e acima de tudo pecadores.

Certa vez, quando ainda era estudante universitário, encontrei-me na igreja ao lado de uma velha do meu país que sofrera muito na vida. Tendo se tornado um pouco surda, ela sussurrou suas preces alto o suficiente para que eu pudesse ouvi-las. Nunca mais ouvi alguém rezar tão intensamente, com absoluta simplicidade,

mas colocando em cada palavra todo o peso de tantos sacrifícios, de tantas cruces carregadas com fé. Eu me encontrei cheio de silêncio e respeito sagrado, como se eu tivesse me encontrado perto do Santo dos Santos e sentisse não apenas a voz da velha mulher, mas a de Deus que respondeu a ela, que dialogava com ela. Melhor: como se percebesse a inclinação de Deus Pai para aproximar os ouvidos da oração desta velhinha. Era como sentir o silêncio de Deus, o ouvir de Deus, isto é, como Deus Pai ouve o Filho e o Filho o Pai, no "sopro de leve brisa" do Espírito Santo (cf. 1 Reis 19,12).

Imaginemos então o que deve ter significado para os apóstolos ouvir naquela noite dramática da Quinta-feira Santa a longa oração de Jesus ao Pai. Quem sabe que desconforto eles sentiram, que sentimento de indignidade! E também, quem sabe que surpresa! A Ceia da Páscoa já havia começado com a surpresa de ver Jesus colocar-se a lavar os seus pés e, agora, no final da Ceia, Jesus os surpreende novamente conversando com o Pai como se estivesse sozinho com Ele.

Não devemos separar estas duas surpresas, estas duas experiências que Cristo quer que façamos também nós, porque são duas experiências essenciais do seu mistério e da sua missão, duas experiências que ele comunica a toda à Igreja para que ela viva e transmita Cristo ao mundo. E são experiências que encontramos unidas no dom da Eucaristia no qual Jesus nos faz participantes de sua comunhão filial com o Pai e de sua comunhão fraterna conosco.

O humilde amor que manifesta e transmite na lavagem dos pés e a humilde oração que dirige ao Pai são os dois eixos de comunhão que se cruzam e coincidem em seu Coração. Não podemos aderir a Jesus Cristo e transmitir a sua presença e seu amor ao mundo sem ter junto os dois pólos da Última Ceia, segundo João: o lava-pés e a oração sacerdotal. Não são dois pólos opostos, mas dois extremos que coincidem, porque já coincidem no amor de Cristo. O amor de Cristo não está dividido em nos amar e servir e amar e servir ao Pai. O amor de Cristo é precisamente a coincidência do amor de Deus e do amor do homem. E é precisamente essa coincidência que Jesus quer comunicar e transmitir aos discípulos, para que também eles, em seu nome, comuniquem-na e transmitam-na a todos.

Jesus o diz expressamente aos discípulos durante a mesma Última Ceia pascal, e a primeira Ceia Eucarística: "Assim como o Pai me amou, também eu vos amei. Permanece no meu amor!" (Jo 15,9). Como se dissesse: "Eu vos amei e vos amo com o amor divino que permuta com o Pai. Se permanecerdes no meu amor, permaneceréis nessa coincidência entre o amor de Deus e o amor do próximo". Não pode haver maior unidade em nossas vidas do que poder amar a Deus e aos irmãos com um só amor. E é precisamente isso que eu gostaria de continuar aprofundando: essa unidade. E veremos como aqui também está o coração da experiência que São Bento quer educar em nós.